

O SEXO DO/NO TEXTO: HOMOTEXTUALIDADE EM AL BERTO

Rodolpho Amaral (UFRRJ)

Resumo: Tomando como ponto de partida a proposição de Foucault sobre a homossexualidade constituir outra forma de estar no mundo, um modo de vida atrelado a práticas e éticas específicas, este estudo busca analisar alguns trechos de duas obras do poeta Al Berto – *Equinócios de Tangerina* e *Lunário* – considerando a realização de uma estética onde o corpo gay/queer é delineado e construído tendo em vista uma textualidade que convoca a sexualidade e a posiciona no discurso. Essa comutação entre corporeidades aparentemente estanques – o corpo que escreve e o corpo do texto escrito – põe em voga a relação entre a sexualidade marcada pela diferença (o gay/queer) e a homotextualidade, isto é, a textualidade marcada pela sexualidade. A partir desse encontro, a análise textual terá seu início, evocando teorias de Emerson Inácio e Foucault com o intuito de traçar uma est-É-tica que fuja às representações tradicionais do corpo ao inserir corporeidades que protagonizam sexualidades marginalizadas e identidades invisibilizadas e que utiliza elementos ímpares ligados a vivências sexuais específicas. Por meio da permuta do texto com o corpo que o escreve a vida sofre a ficcionalização, em outras palavras, transforma-se em escrita literária, possibilitando o uso de diferentes artifícios de escrita que nos permitirão desenvolver uma homotextualidade albertiana. Desse modo, o presente trabalho intenta fazer uma análise dos textos de Al Berto enfatizando o sujeito de escrita que se assume enquanto ser sexuado e cujo texto abarca elementos particulares condicionados por sua sexualidade.

Palavras-chave: Homotextualidade. Literatura Portuguesa Contemporânea. Al Berto. Corporeidades. Homoerotismo. Est-É-tica.

O título do trabalho já nos coloca duas questões que por vezes se repelem e noutras se atraem mutuamente. A primeira diz respeito ao “sexo” do/no texto como forma de pontuar, por exemplo, a diferença entre uma escrita feminina e outra masculina. A segunda tem que ver com a orientação sexual e sua plena vivência como formas específicas de ser e estar no mundo, opondo assim a homossexualidade à produção massiva da heterossexualidade – esta última imposta em diversos setores da vida social, respaldada pelas instituições que perpetuam os modelos identitários que consideram hegemônicos (igreja, escola, agências de letramento em geral). O sexo e a orientação sexual, neste caso, mantêm ligação estreita se consideramos o que de feminino há na homossexualidade masculina e o quanto essa aproximação justifica a

perseguição pelo *status quo* ao que não corresponde ao modelo que defende e engendra: homem, ocidental, cristão, branco, heterossexual, para citar alguns pontos. Ademais, embora estejamos a escrever sobre alguém do sexo masculino, o mesmo é homossexual, o que nos abre outras possibilidades de leitura porque se trata de uma identidade que não se propõe a dar continuidade ao modelo patriarcal. Falamos, portanto, de um homem gay. Diante da efervescência dos debates em torno das múltiplas categorias identitárias e suas reivindicações para figurarem nas produções culturais e serem reconhecidas suas autorias, além da crise de representação, nos parece impossível conceber o fenômeno estético-literário sem levar em conta tais diferenças, sejam elas referentes ao sexo (feminino e masculino) e/ou à orientação sexual (no cerne de nosso trabalho a possibilidade de falar sobre uma homotextualidade).

Segundo Denilson Lopes (2002), o termo “homotextualidade” tem sua gênese no artigo “Homotextuality: a Proposal”, de Jacob Stockinger, publicado em 1978. Lopes traça este diálogo para falar de características peculiares do texto construído a partir das experiências homoerótica e homossexual do sujeito, e afirma que essa mesma escrita encontra em comunidades leitoras específicas a decodificação necessária para aproximar literatura e homossexualidades. É partindo desta especificidade que aponta Lopes que analisaremos algumas passagens das obras de Al Berto de maneira a pontuar uma sensibilidade que difere e enfrenta o universo heterodiegético que se nos impõe nos modelos de narrativa convencionais. Evocando ainda Denilson Lopes, o que designamos “sensibilidade” tem respaldo na sua proposição: um repertório compartilhado por um grupo e que inclui valores éticos, mitos estéticos, afetivos, entre outros. Esta proposição *est-É-tica* se organiza em resposta à evidência de que em sociedade a heterossexualidade e a homossexualidade são vivenciadas de maneiras muito diferentes – a primeira, compulsória; a segunda, ainda com muitas interdições – e tal distinção extrapola o plano real e aparece também na tessitura simbólica da escrita, criando outro espaço que pode perpetrar essa relação ou rechaçá-la. Diz-nos Emerson Inácio sobre o embate simbólico que ocorre na diegese literária:

A ficção, enquanto estratégia discursiva de e sobre a realidade, faz com que percebamos como o discurso literário engendra a representação de imagens que virão a se constituir como “lugares” em que a própria Literatura Portuguesa, posterior à epopéia camoniana, retornará em busca de modelos, sejam modelos que corroborem com o imaginário literário e cultural ou outros capazes de, a partir desses

moldes tradicionais, constituírem-se como novas formas de ser. (INÁCIO, 2004, p. 2).

No que concerne à obra de Al Berto, temos em voga as duas manifestações: a) o retorno à tradição como forma de diálogo e continuidade e, b) não deixando de dialogar com a tradição, a inserção de identidades sexuais que se torna força temática em suas primeiras produções. Focaremos a segunda alínea como modo de expor a existência de polifonia nos textos analisados, o que se contrapõe à própria monoperspectiva narrativa tradicional, e que nos dá sustentação para esboçar esta est-É-tica que abarca a homotextualidade.

Em entrevista à revista alentejana *Imenso Sul*, Al Berto pontua algumas questões que são muito caras à sua poética, inserindo-se numa linhagem de poetas do corpo que também tematizam princípios fundadores do modernismo, como, por exemplo, a fragmentação da consciência que se desdobra na fragmentação do corpo. Dentre essas linhas de força utilizadas por Al Berto na construção de seus textos encontra-se uma que particularmente nos interessa discorrer tomando-a como procedimento inerente de seu fazer poético – o homoerotismo. Responde o poeta ao ser instigado com a afirmação de que sua poética está embebida em sexualidades:

Como sempre assumi a minha sexualidade, é normal que ela surja explícita no que escrevo. A censura acabou, parece-me... ou talvez não. O que importa é que quem escreve deixou de ter de esconder o que quer que seja. E, como a minha escrita tem um lado autobiográfico muito forte, seria um disparate autoreprimir-me com o intuito de não chocar, ou de tentar agradar a gregos e a troianos. (AL BERTO, 1995, n. 2, p. 1).

Como se vê, parte do próprio autor a confirmação de que sua homossexualidade, e portanto tudo o que a ela se atrela como particularidade, se espraia no texto de modo a relacionar a experiência do sujeito que escreve à ficção escrita por esse mesmo sujeito. Em outras palavras, ao reconhecer seu desejo e estar consciente de seu uso, Al Berto abre caminho para novas formas de relação e criação, imbuindo seu fazer literário de expressão criativa. Por meio dos desejos e da vivência plena da sexualidade “instauram-se novas formas de relações, novas formas de amor e novas formas de criação. O sexo não é uma fatalidade; ele é uma possibilidade de aceder a uma vida criativa.” (FOUCAULT, 2004, p. 260).

Notadamente, a literatura de Al Berto, portanto, estaria preñe de especificidades que requisitam outro lugar nos discursos literários, tanto em relação à

retomada de propostas estéticas de seus antecessores do modernismo português – o conceito de “Literatura viva” articulado por José Régio, por exemplo (INÁCIO, 2013) – como à antecipação do que viria a se constituir nos anos 80 nos Estados Unidos como teoria *queer*. Considerando que sua literatura “se situa numa perspectiva em que o homoerotismo aparece como experiência que antecede a escrita; é uma condição da produção literária deste poeta e prosador”, há permutação entre o corpo que escreve e o corpo do texto que é escrito (corporeidades aparentemente estanques), dando início à comutação entre corpo empírico e corpo textual, criando, assim, uma (homo)textualidade que convoca a sexualidade e a posiciona no seu universo diegético. Para Al Berto o corpo é o que sustenta a escrita e é também a sua morada, e sua escrita está plena de corporeidades que se retroalimentam: “um corpo voltou a mover-se no interior do meu” (AL BERTO, 2009, p. 12); e que aparecem numa relação de alternância, onde os personagens se transfiguram no uso do mesmo suporte: “Enquanto Nervokid dormia Tangerina levantou-se, vagorosamente, a noite súbita sempre adormecia um quando o outro se levantava, embora só possuíssem um corpo revezavam-se na vigília do mundo.” (AL BERTO, 2009, p. 27).

Aproveitando-se da abertura política pós-regime salazarista, Al Berto e sua geração passam a gozar de alguma liberdade, o que vai refletir na sua literatura; pontos como o pavoneamento dos corpos, o universo lisérgico das drogas e o próprio jogo de alternância de gênero e sexualidades, o que dialoga inclusive com a nova escrita de mulheres em Portugal no pós-74 – concernente tanto à temática quanto à estrutura.

Para traçar a proposta de homotextualidade em Al Berto, evocamos duas linhas teóricas que se complementam e visam à concretude de uma est-É-tica homoerótica e homossexual. A primeira está ligada à proposição de Foucault – a estética da existência; a segunda diz respeito ao que Emerson Inácio erige como estética pederasta. Ambas encontram respaldo em elementos contidos nos textos albertianos. Deter-nos-emos nelas a fim de alinhar literatura e teoria.

A partir da década de 80, Michel Foucault se dedicou ao projeto de pesquisa sobre a história da sexualidade. No último volume da trilogia resultante desse projeto – História da Sexualidade III – O Cuidado de si (1985) – o filósofo discorreu sobre dois importantes conceitos: as técnicas de si e a estética da existência. Embora os dois conceitos se complementem, aqui nos interessa enfatizar a estética da existência e toda a implicação que ela tem no nosso trabalho. Ocupar-se de si mesmo na antiguidade greco-romana, segundo Foucault, era mister para a saúde, autoconhecimento, reconhecimento

da identidade e fortalecimento da subjetividade. Sob o signo do cuidado de si a estética da existência incita a busca por singularidades que permitam ao sujeito agir em coerência consigo mesmo. Este exercício permanente, também chamado de “artes da existência”, é definido da seguinte maneira por Foucault:

A arte da existência [...] se encontra dominada pelo princípio segundo o qual é preciso ‘ter cuidados consigo’; é esse princípio do cuidado de si que fundamenta a sua necessidade, comanda o seu desenvolvimento e organiza a sua prática. (FOUCAULT, 1985, p. 49).

Este cuidado de si a que se refere Foucault desemboca numa conduta espelhada em valores estéticos e éticos muito próprios do sujeito, distintos. Essa determinação de resposta e comportamento ímpares proporciona ao sujeito fazer de sua vida uma obra de arte, vivê-la segundo critérios de estilo que se vinculem ao cuidado que tem consigo mesmo. Essa proposição estética que considera a vida uma obra de arte indaga o status da arte: por que ela se relaciona apenas com objetos? Por que o modo de vida de alguém não pode também ser uma arte?

Ainda no plano estético de proposições, Emerson Inácio (2010), retornando à Antiguidade Grega, também sugere que se desenvolva uma estética pederasta baseada no sentido etimológico da palavra: “aprendizado de uma maneira estética de ser e se portar” (INÁCIO, 2010, p. 133). Segundo ele, esta estética é:

um conjunto de recursos que envolvem a autoria, o conteúdo expresso pela obra, leitor-modelo, sentidos construídos e até marcas, como dialeto, podendo ser entendida como uma unidade de sentido para o texto homoerótico e/ou que tematize a diversidade sexual. Também é nosso intuito, a fim de tornar essa compreensão algo mais abrangente, compreender nesse concerto as mulheres lésbicas, as transexuais, as travestis e demais subjetividades, a fim de continuar no sentido de construir uma estética entendida, mais capaz de atender performances para além do homoerotismo masculino. (INÁCIO, 2010, p. 140).

Ambas as estéticas propostas têm relação com a sexualidade. Contudo, a estética da existência pode ser “aplicada” a inúmeras áreas, inclusive a literária, enquanto que a estética pederasta delimita um campo específico – o da literatura. Ora, não se trata aqui de aplicar teoria à literatura, mas reconhecer nestes elementos que nos permitam comungar com aquela. Na produção albertiana há a ficcionalização da própria vida, um viver pautado na escrita e que às vezes se confunde na identificação da própria identidade (fragmentada) – “o poeta decide marcar sua entrada no universo da escrita

cindindo seu nome e criando um duplo” (AMARAL, 2015, p. 22) e desta forma seu ortônimo Alberto torna-se Al Berto. Não raro veremos na produção literária de Al Berto todo um leque de personagens que assumem as mais variadas sexualidades e permeiam o texto com desdobramento de vozes e perspectivas que rasuram a noção tradicional de narrativa. Tanto em “Equinócios de Tangerina”, segundo texto extraído de *À procura do vento num jardim d’agosto* (1974/75), presente na antologia *O Medo*, quanto no romance *Lunário* (1988), surgem personagens que pluralizam a diegese albertiana.

lá fora, longe das sílabas inventadas para substituírem a vida, as bichas reproduzem-se a velocidades incríveis. cruzam-se entre elas na esperança de conseguirem uma raça mutante, andrógina. passeiam-se no Jardim Botânico, imitam a enxertia das plantas, em cada canteiro soa um piar de palavrões, de risos agudos, de gargalhadas ferozes, elas usam máscaras para se confundirem com as dalias, as glicínias, as rosas-de-santa-teresinha, os junquinhos murchos cobertos de neve. perdem a cabeça se avistam um magala. as bichas mais tenebrosas, desdentadas pela idade, trepam aos ciprestes dos cemitérios, batem punhetas debruçadas para as sepulturas dos amantes e choram. outras, mais recatadas, espreitam pelas janelas sujas dos quartos alugados e suspiram, pondo em cada suspiro todo o alívio do sexo e a estranha tristeza do mundo.” (AL BERTO, 2009, pp. 24-5).

E mais:

Mas da esquadra insistiram, e o polícia começara a dar detalhes. Dissera que o morto não era bem um rapaz, mas que também não parecia ser uma rapariga. Estava assim vestido de forma esquisita, com umas peças de vestuário masculinas e outras femininas. Estava maquilhado com exagero, tinha os olhos e os lábios pintados de negro. (...) E quando voltou a falar dissera que, afinal, era um rapaz, e nada mal fornecido, acrescentara com um risinho. (AL BERTO, 2012, p. 100).

Notem-se as personagens performáticas que atravessam a narrativa de Al Berto e que não se esgotam aí. Em “Equinócios de Tangerina” há toda uma profusão de nomes e características que vão delineando o texto do início ao fim – Rosa da China, Pata de Cavalo, “feminina com uma égua” (AL BERTO, 2009, p. 25), Cravo Rabicho, Lisete a Maneta, Mary do Broche, Maria Malcuquer, entre outras. No entanto, Denilson Lopes (2002) deixa explícito que a delineação da homotextualidade não perpassa apenas o contato homoerótico – recorrente na produção albertiana e constituinte de um dos maiores eixos de sua produção. Para ele, identificam-se também todas as formas de reagir e se envolver com questões do mundo, que aparecem, por exemplo, no aparecimento da AIDS e no medo de se contaminar – outro eixo importante na produção albertiana –, na melancolia, na desterritorialização, solidão etc. Há traços de

ressignificação dos espaços públicos – por vezes, personagens de Al Berto recorrem ao mundo noturno para realizar seus desejos, ocupam sorratamente o cais, as ruas escuras, permeiam os espaços de homosociabilidade (marinha, clubes de futebol, internatos etc.) e se constroem de forma a alinhar corpo, desejo e prazer.

Assim, torna-se possível elencar alguns elementos que constituem características específicas da homotextualidade albertiana: ressignificação da rua, por exemplo, que dá sentido novo à vivência urbana, aos locais interditados e aos locais públicos; outra ótica para viver a afetividade, pautando uma experiência sentimental e existencial que assume tônicas particulares; diversas formas de vivência sexual vistas na construção das personagens; polifonia narrativa que desencadeia um desdobramento de vozes e pontos de vista. Acrescentaria, ainda, a suspensão da temporalidade linear da narrativa, cada vez mais rechaçada, abrindo espaço para o uso da memória que recorre à experiência, fusão vista em Al Berto com maestria: autoria, subjetividade e experiência. Além disso, nota-se também a contaminação genológica, como sugere João Barrento (2003) ao falar do texto de Llansol, onde há quase uma promiscuidade textual – diversos gêneros convivendo harmonicamente, complementando-se: a carta, o diário, o fragmento, todos como rasura à pureza original, à unicidade do gênero literário.

Por fim, visamos expor a realização de uma est-É-tica atrelada às particularidades do homoerotismo e da homossexualidade, relacionando a experiência de um corpo-físico à construção de um corpo-texto, considerando que o corpo é tema e motivo da escrita albertiana, ou seja, Al Berto “tem justamente na experiência corpórea o sinal motivador de sua escrita” (INÁCIO, 2004, p. 13). Em outras palavras, o *texto do autor* em estreito contato com o *autor do texto* no que tange à vivência homoerótica e homossexual.

Referências

AL BERTO. Al Berto: um entrevista de 1995 à revista alentejana Imenso Sul [abr. a jun. de 1995]. Paulo Barriga. **Revista Imenso Sul**, n. 2. Portugal, de abr. a jun. de 1995. Revista eletrônica. Disponível em: <<http://www.cincotons.com/2014/01/al-berto-uma-entrevista-de-1995-revista.html>>. Acesso em 20 de out. de 2016.

AL BERTO. **O medo**. 4.^a ed. Lisboa: Assirio & Alvim, 2009.

AL BERTO. **Lunário**. 4.^a ed. Lisboa: Assírio & Alvim, 2012.

AMARAL, Rodolpho. **O Homoerotismo em Al Berto**: o desejo circunscrito nos corpos físico e textual. 2015. 40 f. Monografia - Curso de Licenciatura Plena em Letras - Português/literaturas, Departamento de Letras, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Nova Iguaçu, 2015.

BARRENTO, João. O livro torna o sexo invisível? **Revista Metamorfoses**: revista da Faculdade de Letras da UFRJ, Rio de Janeiro, n. 4, pp. 135-144, 2003.

FOUCAULT, Michel. Michel Foucault, uma entrevista: sexo, poder e a política da identidade. Tradução de Wanderson Flor do Nascimento. **Revista Verve**, vol. 5, pp. 260-277, 2004.

_____. **História da sexualidade III**: o cuidado de si. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985.

INÁCIO, Emerson da Cruz. Outros Barões Assinalados: A emergência do discurso gay na produção literária portuguesa contemporânea. In: VIII Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais, 8, 2004, Coimbra. **Anais eletrônicos...** Coimbra: CES, 2004. Disponível em:

<<http://www.ces.uc.pt/lab2004/inscricao/pdfs/grupodiscussao2/EmersonInacio.pdf>>.

Acesso em: 13/07/ 2016.

_____. Para uma Estética Pederasta. In: COSTA, H.; INÁCIO, E. C. *et al.* (Orgs.). **Retratos do Brasil Homossexual**: Fronteiras, Subjetividades e Desejos. São Paulo: Edusp, 2010, pp. 129-142.

_____. **A herança invisível**: ecos da “literatura viva” na poesia de Al Berto. Manaus: UEA Edições, 2013.

LOPES, Denilson. **O homem que amava rapazes e outros ensaios**. Rio de Janeiro:
Aeroplano, 2002.